

Stadium

N.º 326

2 de Março de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



ITÁLIA-PORTUGAL EM GENOVA — Carapellse recolhe a bola, de cabeça, junto ao poste, ante a ansiedade de Virgilio, e marca o já famoso *golo da discussão!*

BATIDOS EM TODA A LINHA

Os Restos de uma boa Equipa vão-se esfarelado aos poucos
— A defesa soube lutar; assim o soubesse o ataque . . .

Crónica de TAVARES DA SILVA

REGRESSAMOS também de avião, como à ida, para Roma, e ainda nos pesa na alma e no coração a tragédia de Genova! Fazemos desde já a afirmação de que não é o resultado que está em causa — os números estão conformes ou à quem da realidade! — mas a lamentável imagem que o futebol português deixou num rectângulo a que se chama pomposamente Estádio Larigi Ferraris. Nós arribamos ao melhor porto do norte de Itália, que tantas recordações portuguesas nos traz à imaginação, com certas possibilidades. Pelo menos, com relativo prestígio. A Itália conhecia o nosso futebol, e, embora dominada pelo pensamento do triunfo, não deixava de vincar que se tratava de um Grupo Nacional com a coesão de *team* de clube e valores individuais. O conceito caiu como um castelo de cartas. Fizemos uma figura que de modo algum corresponde à verdade. Como conjunto — fomos de uma inferioridade a toda a prova. Uma sombra do que valeamos. Só soubemos destruir, e nada de construir. Nem sequer deixámos no rectângulo a ideia de equipa corajosa, valente, audaz, não voltando a cara, lutando até o último instante. E daqui nos ocorre imediatamente ao bico da pena a existência de duas espécies de jogadores: aqueles que têm fibra de internacional, e os que, havendo nascido bons elementos, só servem para jogar no ambiente nacional.

Acreditem todos os portugueses! Alguns jogadores chegaram a dar em Génova a impressão de não conhecerem as primeiras letras do futebol. O abc do jogo. Precisamente aqueles elementos em que a generalidade dos portugueses mais confiava e com eles o Seleccionador Nacional, todos esquecidos das limpadas lições do passado, fracassaram rotundamente — confirmando mais uma vez falta de temperamento.

Há, decerto, voltamos a repetir, um conceito de jogador de classe internacional. Exige-se a esse tipo um mínimo de *push* e de classicismo. Caso contrário, é expôr-se um homem a fazer uma figura desagradável. Isso teris, de resto, pouca importância se não estivesse em causa um pensamento mais elevado — que a tudo e todos se sobreleva.

A dignidade com que entramos em Génova, com os restos de uma Equipa que soube ser grande, transformou-se em tristeza. Todos os jornais italianos, mesmo de Roma, que é a cabeça, como de outras terras, acenam tratar-se de uma *selecção modesta* muito

semelhante a qualquer das equipas médias que existem em Itália. E, verdade seja, ainda são muito amáveis, dado o que fizemos — e o muito que mostramos desconhecer.

Tudo — então — foi mau, inferior, desagradável e triste? Lembremo-nos que os problemas dependem em geral da forma porque são encarados. Evidentemente, o *team* nacional de Armando Sampaio não poderá ser observado, sem quebra de justiça, pelo mesmo ângulo. De um lado, de todo um sector — um bloco de defesa — houve brio, coragem, raiva de jogo e de competição. Provavelmente, o quinhão destas qualidades não deve ser distribuído com talhadias iguais, mas, de forma geral, a *defesa* lutou com bravura lusitana, e, não está em causa, de momento, se bem, se mal, se brilhantemente. Mas foi valente, activa, generosa, com genica. Verdadeira raça. Pelo contrário, o ataque, além de não acertar — o que seria desculpável! — jogou sem ganas de vitória, apaticamente, com manifesta insensibilidade. Quase não sabemos explicar!

Nunca nos parece demais vincar, e nós bem o sabemos, que o jogador português tem um temperamento demasiadamente sensível e influenciável. Os rapazes são formidáveis no Estádio Nacional, e continuariam a sê-lo, mesmo no estrangeiro, se perdessem somente qualquer coisa parecida com vinte por cento dos seus recursos. Mas tal não sucede. Fora do país, aquele que não tem verdadeira fibra internacional (cada vez admiramos mais esse esplendido Francisco Ferreira, tomando-o como exemplo!) tomba e cede, deixando de ser um corpo sem espirito e sem vontade de lutar para se transformar apenas num corpo que, fisicamente, permanece no rectângulo. . .

Era de exigir muito mais da parte do sector desportivo, e já não dizemos no que respeita a essência de futebol — combinações, sprints e remates — mas quanto a energia e vontade. Os elementos portugueses, geralmente diminuídos no ponto de vista técnico só se conseguem igualar ao adversário, jogando com o coração, que o mesmo é que dizer com o espirito total de abnegação e sacrificio. Foi assim em Amesterdão, na Irlanda, em todas as partes em que o pavilhão nacional se ergueu no lugar de honra.

Se quisérmos dar uma ideia da partida do Estádio de Ferraris, que rasga de novo os horizontes

para o futebol italiano, que, aliás, não se enbriagou com o triunfo, podemos certamente fazê-lo em breves palavras, afirmando que fomos dominados de fio a pavio, em todos os momentos, que as arrancadas lusitanas constituíram uma espécie rara de golpes (contam-se pelos dedos!); que, infelizmente, nos limitamos a defender, com tenacidade e de dentes cerrados. A partida genovesa contra o *Torino Azul* — como pitorescamente dizem vários críticos de nomeada! — fez nos lembrar aqueles combates de *box* em que um dos adversários só ataca e dá socos, cansando-se de tanto bater — em virtude do adversário resistir e conservar-se de pé.

Eles bateram-nos. Impiedosamente, em avalanche, metendo logo os avançados no bolso — quando reconheceram inicialmente a sua predisposição de *defesa*! — continuando a tarefa pelo tempo fora sem um momento de parança. Afigura-se-nos evidente que, nestas condições, a *defesa* tinha de ceder, um pouco por isto, ou por aquilo, ou por outra razão qualquer. Temos á mão o argumento do abaixamento de Feliciano, por lesão, de certa altura em diante, mas não fora esse e outro surgiria. . . A força humana tem limites, não podendo passar-se hora e meia a bater a bola, em disputa de choque e a afastar o perigo.

Dir-se-á, e por certo isto há-de acorrer aos que não viram o *match* da nossa desgraça, que atingimos o intervalo com um-zero. Ninguém por certo estava mais contente do que nós, pois chegámos a supôr — coisas da imaginação! — que esse golo solitário seria o bálsamo e o incentivo para se transformar o jogo puramente defensivo em toada de ataque. pelo menos, umas vezes por outras, para dar repouso aos homens extenuados que viviam na baliza e seus arredores.

Mas é que o chamado um-zero representa tão somente um caso de enormíssima sorte. A única jogada em que podíamos fazer golo — chutamos ao golo muito raramente e sem convicção — foi aproveitada. O forte Tognon sentiu o perigo, e tratou de cortar o galope largo e vistoso de Peyroteo, de qualquer forma e feito, puxando, agarrando e empurrando. O árbitro, politicamente, não concedeu penalti, mas o forte chute de Travassos foi repellido por Bacigalupo e aproveitado por Lourenço. Se houvesse acabado a primeira parte já com um des-nível de duas bolas — nada teríamos a apontar. Traduziriam a acção de uma equipa de peso a

jogar contra um grupo de intenções pacíficas.

Compreende-se e justifica-se plenamente que o Grupo tenha adoptado, na primeira fase, uma tática cerradamente defensiva. Era absolutamente necessário acautelar devidamente o caso, e não perder num repente uma discussão de hora e meia. Assim, a colocação, atrozada, dos interiores leoninos impunha-se, ao mesmo tempo que não se dava asas às outras unidades defensivas, necessariamente, de vãos curtos e movimentos prudentes. Mas já não se compreende que, havendo surgido um momento particularmente favorável, ele não fosse aproveitado como devia ser. Podia ter-se despedido o casaco. . .

Após o golo português, mais propriamente à meia-hora, os italianos deram mostras de surpresa e desalento. Porque, diga-se de passagem, o seu único defeito era, precisamente, o apontar alto às balizas, não acabando lances de conjunto magistralmente elaborados. Isso justifica logicamente o resultado.

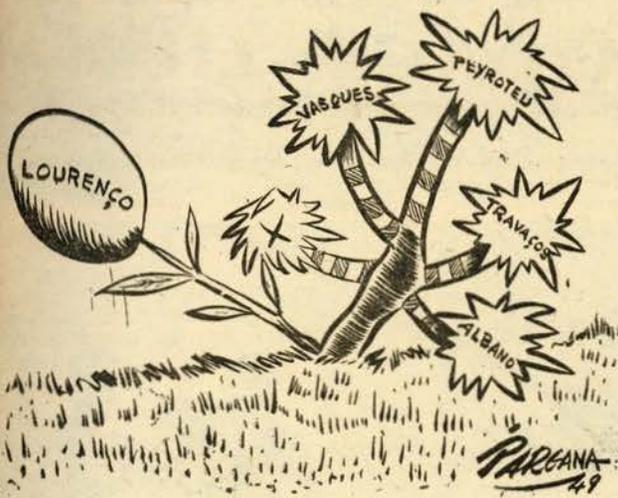
Os italianos atacavam sem cessar e viam, enraivecidos, o tempo a passar sem resultados práticos. O público, ansioso por se declarar contra uma equipa que reunia um número elevado de jogadores do Torino, que conta naturalmente muitos adversários, pelo menos, em Milão, Génova e noutras cidades, começava a dar mostras de impaciência e a meter-se com os jogadores, gritando *Fora este! Fora aquele!*

Estávamos em presença do *instante* particularmente indicado para, em vez de segurar uma *bola* — frágil e inconsistente vantagem! — pôr em campo todas as energias e tentar o assalto. Consideramos que, se a equipa — toda inteira! — tivesse feito esse supremo esforço, não teríamos saído de Génova com a designação de *equipa modesta e vulgar*.

Mas não. Os defesas continuaram a cumprir a sua missão, os médios não se aventuraram, e os deanteiros *continuaram* a rolar no rectângulo para passar o tempo — não ligando ou coordenando dois pontos.

E sucedeu o que era inevitável que sucedesse. O impeto italiano afirmou-se decisivo. Os componentes do *Torino Azul* entraram com verdadeiro fogo, e, fazendo variadas e múltiplas alterações, prosseguiram no ritmo do domínio e conseguiram, finalmente, acertar com o caminho do triunfo regular o remate. Devemos dizer que, em tais emergências, pud-

A "graça" da semana



Do «enxerto» nasceu a... única «baleia»!

mos por fim ver avançados que, sendo malabaristas ou precisos, chutam ao mesmo tempo com extrema força e sabem colocar a bola no melhor sítio.

Justiça seja feita a quem a merece! Quando se estava em 2-1, Xico Ferreira, indómito e valeroso — um gigante a lutar! — deixou de ser um elemento puramente defensivo e pôs-se a alimentar e a empurrar o ataque, uma, tantas vezes quanto possível — mas todo o seu esforço resultou em vão. Não havia meio dos atacantes quebrarem a sua notória moleza, aplicando a inteligência e o espírito no desencadear dos golpes.

Poderá afirmar-se que, durante grande parte do encontro, os avançados não receberam a bola em boas condições. Parece-nos que esta afirmação não é inteiramente exacta. Porém, dando de barato que assim seja, perguntamos: — Que fizeram os avançados no momento em que estiveram de posse da bola, ou por esta lhe haver sido passada em condições de controle, ou por a terem captado? Nada, positivamente nada.

A selecção italiana é formada por gente forte. Da defesa ao ataque vê-se ter havido a preocupação de utilizar gente com força, fazendo-se uma mescla de homens experientes com rapazes novos (o maravilhoso Annovazzi, por exemplo, tem 22 anos).

A excepção do médio lateral da esquerda, realmente violento, todos os outros empregam o corpo no favor do regulamento e levantam o pé com a certeza de que suportam o embate. O adversário, se não for resolutivo e apto fisicamente, não tem outro remédio do que encolher-se e ceder terreno.

A juntar a esta característica que representa preparação aturada — talvez fosse esta a altura necessária para, mais uma vez, se falar de profissionalismo, ou, antes, de melhorar a organização portuguesa! — temos ainda que

os italianos são bons executantes, isto é, homens de domínio e toque perfeito, ou suficientemente, de bola, fazendo tudo quanto distingue um executante de relevo de maneira muito rápida, à maneira latina. Em plena corrida, os azurri conquistam e seguram a bola, jogam-na, driblam e rematam, não perdendo tempo. Aquilo que vemos, normalmente, fazer-se de vagar, executam eles a grande velocidade. É preciso cortar-lhes, portanto, o passo com decisão, não lhes deixando abertas. Quer dizer, não lhes dando possibilidades de eles empregarem os excelentes recursos de que dispõem.

Se, tecnicamente, a sua superioridade se tornou evidente, o mesmo acontece ao entrarmos no capítulo da manobra no rectângulo. Vitorio Pozzo, o admirável seleccionador com quem na companhia de R. Ornelas, mantivemos um belo convívio — que de recordações curiosas vive naquela cabeça romana já inteiramente coberta de cabelos brancos! — foi sacrificado um tanto pela sua longa permanência no lugar e outro tanto por não aderir às modernas correntes que têm apaniguados convictos nos Três Responsáveis de agora. Sendo assim, é óbvio que o Torino Azul adoptou o sistema e aplicou-o magistralmente. Os 3 defesas, repetimos, meteram os três portugueses da primeira linha no bolso; os 2 médios encarregaram-se dos interiores, eliminando-os. Desta forma, não tivemos oportunidade de reconhecer se a ligação da frente para trás será ou não impecável. Quando atacados, é possível que o conjunto mostre algumas deficiências. Assim, como as coisas decorreram, houve na verdade a sensação nítida da existência de quatro interiores. R.pare-se no contraste: nós não tínhamos sequer um, e a eles até sobravam.

Havendo carregado o jogo sobre a defesa nacional, os médios não podiam dar-se a uma tarefa que

não fosse quase exclusivamente de cortar o passo e de inutilizar as combinações aos italianos. Como de motu próprio, e por intenção preconcebida, os portugueses se meteram na fórmula defensiva, resta-nos a dúvida de saber se a escolha da parelha média, em conjunto, podia cumprir, sabendo-se que um dos seus componentes é homem de carácter ofensivo, bom para o ataque mas insuficiente para a defesa. Enunciámos apenas o problema, cuja clareza não requiere quaisquer esclarecimentos. Deviam os interiores jogar atrasados, e, depois, em passada rápida, transportarem a bola e ligarem o futebol de ataque.

E aqui vem ao de cima um dos males principais dos nossos jogadores. Sempre que os da frente tiveram a bola não procuraram fazer ligações, mas sim verem-se livres o mais depressa possível do que, no parecer, parecia um estorvo e um peso. Assim, os rapazes não tiveram audácia nem iniciativa, não conseguindo quase desenhar um daqueles esquemas estudados que eles tão bem conhecem e retêm de cor. Não houve audácia, nem iniciativas, nem ambições. Efeito: os italianos tornaram-se senhores de todas as operações.

A arbitragem pesou no jogo, apesar de não ter fabricado golos. Não nos referimos ao facto do juiz ter consentido as *chegas*, visto elas serem regulamentares. Em Portugal, os jogadores não se podem tocar uns nos outros, e vai-se perdendo o hábito do futebol viril. Depois, no estrangeiro, os resultados são negativos. O ar Sdez teve vários erros, alguns de vulto, no que respeita a julgamentos de falta, mesmo de ordem técnica. Via-se perfeitamente, no seu apitar político, que as suas inclinações eram italianas. Quando, porém, a vitória já não oferecia dúvidas e perdíamos por 4-1, o apito francês beneficiou-nos, então, em vários lances, chamando um pouco os portugueses para o terreno adversário. Nessa altura, um remate de Travassos podia dar outro matiz aos números. Também Peyroteo perdeu um golo no final, por não estar em disposição de jogo.

Se, em conjunto, a equipa italiana nos deixou boa impressão, embora sem o extase de outras que temos observado, também individualmente se destacam os seus valores.

Esse Annovazzi de que já falámos é um portento. Vigia o adversário muito bem, mostrando um pontapé potente que coloca a bola onde ele quere.

Seguem-se na escala de valores os extraordinários Mazzola e Carapellese, o primeiro semelhante ao Lui Regueiro espanhol, o segundo lembrando-nos Matthews. São malabaristas, jogadores práticos e homens da tática. Maroso, um pouco desaparecido na defesa, quando passou ao ataque, tanto na esquerda como na direita, acelerou ainda o ritmo do futebol italiano atacante. Baldini pareceu-nos o mais fraco do conjunto. Menti e Loik, *asa* de outro feitio que a esquerda, são jogadores sóbrios e práticos, menos brilhantes mas realizadores.

Ano VII — II Série — N.º 326
Lisboa, 2 de Março de 1928

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1
Teléfono. 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Castigliano é um homem violento, sendo bom jogador. Tognou, o defesa, também tem um lugar destacado. Ballarin não perde tempo com inutilidades. Bacigalupo esteve comodamente instalado nas balizas, não nos parecendo de classe extra.

Na escala de valores portugueses, lembrando a todos tratar-se de um critério subjectivo e que muda de pessoa para pessoa, colocamos no primeiro plano Xico Ferreira e Virgílio. O homem do Benfica é dos que não cede nem se intimida, sabendo jogar mesmo contra homens fora do vulgar. Virgílio, felicitíssimo, soube aproveitar a sorte e ser útil, mantendo-se ágil, elástico, com insistências que o adversário sentiu. Começou bem, cortando três avançadas, e, havendo-se desleixado um pouco na marcação a meio da primeira parte, depressa recuperou o passo. Estamos certos que esta sua vitória moral e técnica ha-de servir a sua carreira.

Seguem-se Barrigana, Serafim e Feliciano. O guarda-redes português teve culpas nas duas primeiras bolas, primeiro saindo atrasado, depois perseguindo loucamente Baldini, mas a verdade é que o montante das suas intervenções anula esses erros. Os jornais italianos dizem que o gigante português lembra Zamora e aqui está o seu melhor elogio. Serafim jogou no estilo habitual de máquina, a um tempo sereno, trabalhador e útil. Feliciano, na primeira parte, anulou Baldini e interveio com brilho em vários golpes. Depois, magoado, devia ter cedido mais cedo o posto.

A anotar o comportamento de Canário e Lourenço. Transformado em elemento defensivo, o médio sportinguista lutou corajosamente e fez quanto pôde. Também Lourenço desenvolveu alguns lances de boa marca no primeiro tempo.

Peyroteo esteve longe de ser um chefe: tardo desastrada. Travassos ainda deu um vago ar de graça, mas ele e Vasques nunca encontraram a toada firme de combinação. Albano sumiu-se do jogo.

Esta lebre está corrida. O resultado não é em boa verdade desolador, mas não está em correspondência com o futebol desenvolvido em Génova. Saimos de lá com tristeza e o coração frio. — T. da S.



A selecção portuguesa de futebol na sua impecável saudação

A *squadra azzurra* que inicia um movimento de renovação do futebol italiano



O Estádio Lenigo Ferraris, cenário do Itália-Portugal, completamente cheio — numa visão de conjunto. O piso do rectângulo é mau, mas a capacidade não deixa de ser elevada (60.000 pessoas), ficando o Estádio rodeado por montes onde há vivendas pitorescas



Lourenço que, no 1.º tempo desenvolveu golpes de bom futebol, em plena corrida



Feliciano e Baldini lutam

ITALIA, 4 — PORTUGAL, 1



As selecções entram em campo ao mesmo tempo. Os capitães, Francisco Ferreira e Mazzola, transportam os galardetes



Menti rematou com grande força. Barrigana, em admirável estilo, não se deixou bater



Houve belas jogadas na defesa! Feliciano protege, mas Barrigana lança-se com valentia aos pés de Loik, o interior-direito



Armando Sampaio, Augusto Silva e Manuel Marques assistem ao encontro. O treinador reflecte, certamente, sobre as coisas da vida e não esconde o nervosismo e a ansiedade...



Um salto acrobático de Barrigana livra a *team* de um golo certo, pois a bola fora disparada de perto e com força



Feliciano saltou à bola. Barrigana disse-lhe: Larga! E fez a defesa. Baldini está ao lado Canário



O conjunto da Académica de Coimbra, que no domingo empatou 2-2 com o Benfica. Em baixo, à direita, Costa e Sousa recebe uma Taça das mãos do dr. Cunha, da Académica

BENFICA e ACADÉMICA Confraternizam no CAMPO GRANDE

VALORES do FUTEBOL PORTUENSE



Capela, da Académica, prepara-se para receber uma bola alta



Uma fase curiosa entre o ataque coimbrão e a defesa do Benfica. Dois jogadores, ambos jovens, mostram decisão e alegria nos movimentos

Joaquim Machado, Frederico Barrigana e Virgílio Mendes, são três excelentes jogadores do F. C. do Porto — agora chamados à linha nacional. Os dois primeiros já haviam vestido a equipa do nosso país: contra a Espanha, França B e Irlanda, o guarda-redes; e contra a Irlanda o médio direito. O jovem Virgílio, o mais novo homem da selecção portuguesa, 21 anos apenas, estreiou-se no estrangeiro.



O popular clube da capital do Norte, em boa ou má forma, tem a sua indiscutível categoria — como se revela pela ida de 3 dos seus homens à Itália, a que teve de faltar Araújo, infelizmente.

Depois de Joaquim, Barrigana e Virgílio, parece-nos justo indicar ainda vários nomes capazes de figurar honrosamente nas equipas nacionais de futebol — sejam A ou B. O médio do Boavista, Serafim, e o médio-defesa do F. C. do Porto, Carvalho, (à direita e à esquerda) são da melhor categoria. E Romão e Alfredo? Há elementos no futebol portuense que merecem ser observados.

OS NOVOS dirigentes tomam posse



No Benfica, no Sporting e no Belenenses há novas gerências, presididas pelo dr. Mário Madeira, ilustre Governador Civil, dr. Ribeiro Ferreira e Acácio Rosa, respectivamente.



Os actos de posse foram assistidos por muitos associados, que confiam justificadamente nos homens da nova direcção — figuras de reconhecida categoria no meio desportivo. A nossa reportagem gráfica leva ao conhecimento dos leitores a cerimónia da assinatura de posse dos presidente acima indicados.

Previsões da 23.ª Jornada

O Portugal-Itália já lá vai. E embora por algum tempo ainda, se discutam as peripécias do nosso 1.º encontro internacional da temporada, a verdade é que o Campeonato Nacional recomeça no domingo, e com ele, todas as esperanças e apreensões dos clubes que esperam brilhar... e daqueles que temem o futuro!

Em nossa opinião, os dois mais importantes desafios da 23.ª ronda são: Estoril-Benfica e... Boavista-Olhansense!

No primeiro vai disputar-se a 3.ª classificação do Torneio — e quem sabe!

se o 2.º lugar... Quanto ao jogo de Bessa, a questão resume-se a isto: se o Boavista perde, bem pode dizer adeus aos confrades da 1.ª Divisão e preparar lugar na 2.ª 1.º...

Vejam os que nos reserva a próxima tarde de futebol:

Boavista-Olhansense (2-0/3-10) — A avaliar pelos números obtidos ultimamente em Olhão, a tarefa do Boavista não é nada fácil. O problema reside na defesa azaradada. Porque se o «ataque» foi capaz de marcar 3 golos em casa do adversário, logicamente o conseguirá no seu campo. A questão é que consistam apenas dois golos. E' este o nosso prognóstico: 3-2, a favor do Boavista.

“O NORTE DESPORTIVO”

Comemorou o 15.º aniversário da sua fundação este popular bimensário português. Inteligentemente dirigido pelo nosso camarada Alves Teixeira, ligam-nos a «O Norte Desportivo» excelentes laços de amizade, pelo seu valor no meio, por lhe terem pertencido Rodrigues Teles, na sua qualidade de director e fundador, dr. Tavares de Silva e Fernando Sá, seus antigos redactores em Lisboa, e ainda porque fez agora parte da equipa Stadium o seu director Alves Teixeira.

Satisfeito sinceramente com os progressos de «O Norte Desportivo», desejamos ao seu director, rede tores e colaboradores as melhores prosperidades.

Estoril-Benfica (0-2/2-1) — A primeira vista estas marcas parece estarem ao contrário. Mas é mesmo assim. Cada qual obteve uma vitória no campo do outro. Sucederá o mesmo no domingo? Tudo é possível. Inclusive, um resultado que honre ambas as partes. 2-2, por exemplo.

«O Elias»-Belenenses (2-1/2-5) — Os «azues» vão jogar uma cartada difícil, na terra de Fátima. Os ataques ao cobrador 2.º posto da Tabela, sucedem-se e o seu actual epuante necessita de somar mais pontos. Fracamente, não sabemos qual dos dois contendores conseguirá arrancar os preciosos pontos da vitória. Um triunfo pela tangente premiará a equipa que consiga chegar ao 90.º minuto de jogo na posição de vencedor.

Sporting-V. Setúbal (8-1/0-0) — Um jogo entre o primeiro e um dos últimos da Tabela, não pode dar lugar a grandes dúvidas, tanto mais que a equipa visitante é justamente a menos apetrechada.

E como a «artilharia» se costuma variar de repertório — umas vezes, caprichando em meter golos em série, doutras apenas o suficiente, etc. — torna-se difícil um vaticínio exacto. Optamos por um 2 a sorte: 8-0, a favor dos «leões».

Atlético-Sp. Covilhã (2-1) — Lá para os lados de Alcântara renasce a esperança de novos cometimentos. A carreira do «team» de Gregório, nos últimos tempos, não tem sido das mais brilhantes. Nem uma única vitória na 2.ª volta. E já lá vão nove jornadas... Mas no domingo vai desforrar-se do longo jejum: 4-1, é a nossa previsão.

Lusitano-Sp. Braga (2-1/0-5) — Os «encarnados» do Algarve estão mais ou menos livres de preocupações quanto à ameaça de despromoção. Isso não obsta que se empreguem a fundo, no domingo, para conquistarem os dois almeçados pontos, pois «mas vale um pássaro no mão que dois a voar»... Todavia, acreditamos pamente num empate a uma bola! E' um palpite como outro qualquer.

F. Guimarães-F. C. Porto (0-3/2-4) — Compete-nos fazer um prognóstico sensacional para este jogo: 2-1 a favor da equipa alvi-azul! — Sensacional, porque? — Dirá um leitor melindrado e 100% torcedor ao «team» de Berrigana: «o «Porto» é capaz disso e de muito mais!! — De acordo, caríssimo leitor! — diremos nós, deitando água na fervura — mas é que o Vitória, este ano, mantem-se invicto na sua terra! E se o «Porto» ganhar é caso para dizer que conseguiu meter uma lança... em Guimarães!

CORTA-MATO

O SPORTING

campeão absoluto no Nacional de Seniores

TERMINOU no domingo, nos excelentes terrenos do Estádio Nacional, a temporada de corta-mato, com a disputa do campeonato nacional dos seniores. Concorrência limitada aos dois principais clubes de Lisboa, o Sporting com 7 homens, o Benfica com quatro, mas luta sempre animada e interessante, decidida apenas no meio quilómetro final.

O percurso, anunciado para dez quilómetros, não passava de nove, mas fôra traçado com acerto, sem grandes dificuldades mas relativamente esgotante.

Nestas circunstâncias, sem fortes lajeiras que são fatais para certos corredores, o bloco dos concorrentes manteve-se unido e a selecção fez-se por desgaste. Afonso Marques, em dia de boa disposição, deu o golpe decisivo no momento oportuno e alcançou com brilho o seu primeiro título oficial.

Vejam em breve relação o que foi a corrida.

Filipe tomou o comando à partida, descolando Cândido Pinto, logo, do pelotão. Ao cabo de primeira volta, melhor dizendo do primeiro grande circuito pois o prova começou por um pequeno circuito, João Silva guiava um grupo onde apenas faltavam Nogueira, que desistira, Tomé e Pinto.

O corredor banquistista não se manteve no posto e, à passagem da ponte após o pequeno circuito, descolou dos primeiros, e um arranco de Afonso.

Ao cabo da segunda volta são só cinco os homens da frente: Araújo precede Marques, Filipe, Conde e Quaresma; Carvalho e Gonçalves vêm a trinta metros, João Silva uns quarenta mais atrás.

Na volta final, Carvalho recupera terreno e passa Quaresma; Afonso ataca ao começo da descida e distancia-se logo. Ne recta final todos lutam com ardor, sendo Carvalho aquele que termine mais forte.

Classificação: 1.º Afonso Marques (Sp.) em 29 m. 8.8 s.; 2.º Filipe Luís (Sp.) em 29 m. 23.2 s.; 3.º José Araújo (Bf.) em 29 m. 26.6; 4.º F. Carvalho (Sp.) em 29 m. 29.2 s.; 5.º A. Conde (Sp.) em 29 m. 36.3 s.; 6.º J. Quaresma (Sp.) em 29 m. 36.2 s.; 7.º Gonçalves (Bf.); 8.º João Silva (Bf.); 9.º José Tomé (Bf.); 10.º Cândido Pinto (Sp.)

Por equipas, o Sporting somou 7 p. e o Benfica 14 p.

Os corredores provaram boa forma, promissora para o Cascabel-Lisboa; e má posição de Alvaro Conde deve atribuir-se a uma gripe recente.

Fazendo o balanço da temporada dos clubes lisboetas verificamos que, em doze títulos à disputa, o Sporting (muito naturalmente) ganhou para si o parte de leão arrecadando 8 (quatro individuais e quatro colectivos), deixando três ao Belenenses e o restante ao F. C. do Porto.

Salazar Carreira

ANDEBOL

A Federação Francesa propôs data para o jogo com Portugal

A campanha internacional dos nossos andebolistas começa a tomar forma mais concreta.

Por um lado, a Delegação Nacional de Desportos espanhola comunicou, por intermédio do seu delegado na Comissão Permanente de Intercâmbio, que não via inconveniência na celebração do encontro entre as selecções dos dois países, provavelmente em Madrid; pelo outro, a Federação Francesa manifestou o seu empenho em nos visitar e propôr a data de 15 de Abril para o 2.º Portugal-França.

Sabemos ainda que a Federação Austriaca convidou os portugueses a jogarem no seu país, caso se efectue a deslocação à Suíça, em estudo há dois anos.

Com estes elementos se demonstra a consideração de que goza no estrangeiro o andebol português, reflexo do prestígio internacional do País e da acção desenvolvida pelos nossos delegados nos últimos congressos da Federação Internacional.

Enquanto não principia a preparação especial do nosso grupo

para tão graves andanças — cujo orientador será Guilherme Correia Cesar, sucessor de Acácio Rosa — o campeonato de Lisboa atingiu esta semana o meio da competição.

O jogo decisivo para o primeiro lugar, entre Belenenses e Sporting, realizou-se ontem, pelo que nos é impossível comentá-lo, mas nos restantes os vencedores foram os previstos: «Os Treze», do Almada por 9-2 e o Benfica do Oriental por 11-4.

O encontro entre o Glória e o Amadora, para atribuição da lanterna vermelha, não se efectuou.

Dos quatro grupos activos no domingo, coube ao Benfica a melhor exibição, contra um adversário que nunca abdicou do ataque, lutando até ao último minuto.

Em segundas categorias, Benfica e Sporting ganharam os seus jogos e prosseguem a par no comando da classificação, mas o encontro dos «leões» com os «azues» parece ter ido além do tempo regulamentar.

José de Eça

ARCADIA O DANCING N.º 1 — DA CAPITAL —

APRESENTA UM CATEGORIZADO PROGRAMA COM A MELHOR ATRACÇÃO DO MUNDO

DARVAS & JULIA

ROSITA MONTAÑA — MARUJA HERRERO — MERCEDES ROMERO — Carmelita de Cordoba, Mary-Mely, Ma-Li-Teng, Conchita Candil, Mabel Valência e Bely Fonten

MUSICA CONSTANTE PELAS ORQUESTRAS

MARIO ROSSI e ARCADIA com a vocalista norte-americana Daina

BREVEMENTE: Novas e sensacionais estrelas

Aberto toda a noite

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS — 300 GRAVURAS

ENCONTRA-SE A VENDA:

NOS NOSSOS AGENTES e NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS E NA ADMINISTRAÇÃO DA «STADIUM»

Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA — Preço: 40\$00

sobre o jogo de Génova

E' fatal o côro de lamentações em volta do insucesso de Génova. E quasi todos pensam da mesma maneira: — quando um ataque não joga e não faz descansar a defesa, o que pôde esperar-se?

Bastava que os avançados portugueses procurassem, na segunda parte do encontro, dar um pouco de ajuda aos defensores lusitanos. Eles não pediam muito: — pediam apenas que fossem tão certos como na primeira parte a rapaziada que actuava na área de baliza.

Mas nada disso pôde verificar-se, infelizmente, e a equipa nacional saiu derrotada, derrotada e em confusão. A' defesa, isso é verdade indiscutível, não podem atribuir-se responsabilidades. Erros que tenham aparecido, no segundo tempo, desculpam-se pela sobrecarga de trabalho, pelo desgaste inevitável que o poder italiano veio a produzir.

Infelizmente — foi assim. Vamos lá rever a situação e cerrar fileiras, pois caminhamos para o dia 20 de Março...

Há coisas, entretanto, que não nos parecem certas. Uma: — que o seleccionador nacional não h'ja acompanhado a equipa. Outra: — que o mesmo succedesse quanto a Peyroteo.

Estas «pequenas coisas» parecem não ter importância, mas nós colocamo-las na linha de influência do bom trabalho de uma equipa nacional. E' preciso que todos se enquadrem no plano de jogo, que convivam uns com os outros, conhecendo-se e estimulando-se também.

O seleccionador, neste caso, tem necessidade absoluta de sentir a «respiração» dos jogadores, dando-lhe o calor da sua fé e do seu saber técnico. O seleccionador tem de fazer parte da equipa e de viver paredes meias com ela. Do contrário, falta alguma coisa...

Pôde a critica atacar sem cerimónia alguma os avançados nacionais? Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Os avançados, por certo, está provadíssimo, não corresponderam ao que deles se esperava. Mas — vamos-lá a ver o assunto serenamente: — caberia nele qualquer outro jogador, nesta altura?

Não se esqueça que o futebol italiano, campeão mundial (lembramos-nos da Inglaterra...) desejava dominar uma equipa já aureolada por magníficos títulos. Jogou a sua defesa com belas armas, «varrendo» o terreno como bons latinos, e perante eles houve algum receio. Todavia, voltaremos a confiar no seu trabalho. Em 20 de Março, o ataque nacional não perderá a ocasião de se mostrar digno das nossas aspirações.

Tardes más — todos os jogadores podem ter. Como tardes boas, evidentemente.

A defesa italiana não cedeu um único pontapé de canto! Isto é conflagrador, e revela até certo ponto a ineficácia do ataque português e... também a segurança da defesa italiana. Mas, teria esta talento para tanto, se os papéis se invertessem? Se a

defesa transalpina fosse obrigado a suportar um ataque cerrado, insistente, um ataque de mutilar o físico e o ânimo?

Não pôde fazer-se a contra-prova. Em Génova apenas jogou um sector...

Virgílio foi considerado o melhor jogador português. Como são as coisas... O defesa da selecção ganhou as esporas de «internacional» à custa do seu labor enérgico, infatigável. Partiu sem ter a opinião pública, parte, pelo menos, a seu favor. Marcando a maravilha italiana, Carapellese, Virgílio não lhe deu margem a vozes largas.

Está de parabéns o mais jovem elemento da equipa nacional. Parece que conseguiu em Génova, lá tão longe, afirmar o seu direito à internacionalização. Para um estreante...

Era de esperar que a defesa nacional, na segunda parte, viesse a sentir os efeitos do seu esforço anterior. Não seria aceitável, no fim do primeiro tempo, pensar no assunto alguns minutos? Alberto, Felix e Joaquim, por exemplo, talvez continuassem na segunda parte o bom trabalho anterior dos seus camaradas.

Isto é uma opinião simples e inofensiva...

Já dissemos — e repetimos — que também escolheríamos aquele ataque,

uma vez impossibilitado Jesus Correia. Mas não deixamos de achar curioso o facto do único golo português ter pertencido precisamente ao único homem que lhe era estranho: — Lourenço, do Estoril Praia.

O árbitro, francês, actuou como adversário da equipa nacional. Peyroteo foi derrubado à margem da lei, na grande área, mas o juiz ido da França fez vista grossa e... marcou um «livre». Por sorte, dele resultou o único tento português, graças ao pontapé de Travaços e à oportuna entrada de Lourenço.

A estatística do encontro:
Portugal: Primeira parte: Cantos, 3; defesas, 11; pontapés de saída, 16; livres, 7; golos, 1 (aos 21 minutos).

Segunda parte: Cantos, 4; defesas, 9; pontapés de saída, 14; livres, 10; golos, 0.

Itália: Primeira parte: Cantos, 0; defesas, 6; pontapés de saída, 8; livres, 4; golos, 0.

Segunda parte: Cantos, 0; defesas, 2; pontapés de saída, 5; livres, 7; golos, 4 (aos 12, 22, 30 e 35 minutos).

O nosso camarada Alberto Freitas ouviu algumas figuras do encontro — de Virgílio e Mazzola. Para que a colecção de «Sadium» fique o mais

possível completa, transcrevemos a seguir as suas declarações:

«Finda a partida, procurámos colhar impressões de diversos elementos e o primeiro que se nos deparou foi o defesa Virgílio, o jovem jogador que se houve muito bem no desafio da sua estreia internacional.

Virgílio — Lamento a derrota da nossa equipa, mas não posso deixar de me declarar muito satisfeito com a minha exibição. Teríamos conseguido melhor resultado, se a equipa tem revelado mais decisão no ataque.

Francisco Ferreira — Gostei muito de Mazzola e, de uma maneira geral, de todo o ataque italiano, cujos componentes se desmarcam excelentemente. A arbitragem é que foi má.

Dr. António José de Melo — Teríamos conseguido, sem dúvida, um bom resultado se Feliciano pudesse jogar na 2.ª parte como jogou no 1.º tempo. A equipa italiana é realmente um bom grupo, enquanto a nossa linha avançada foi um verdadeiro fracasso.

Dr. Facco Viana — Estou surpreendido com o fraco rendimento dos nossos avançados. O resultado está certo e o nosso melhor jogador foi o estreante Virgílio. O público portou-se muito bem.

Barassi, presidente da Federação Italiana — O desafio foi apenas regular tecnicamente. No grupo português, a defesa esteve melhor do que o ataque, especialmente Virgílio.

Novo, seleccionador italiano — Os avançados lusitanos não remataram, de modo que Bacigalupo pouco teve que fazer. Gostei muito de Virgílio. A Itália precisa ainda de trabalhar muito.

Mazzola — O desafio foi simplesmente medíocre. Individualmente, gostei de Virgílio e da sua directa do nosso ataque. O resultado foi justo e a arbitragem vulgar.

HOMENS DE AMANHÃ

OS CAMPEONATOS da «Mocidade Portuguesa»

I. V. E. D. P.

Pupilos do Exército	2	1	-	1	4
Colégio Militar	1	1	-	-	3
Col. «O Académico»	2	-	-	1	1

Além dos torneos de futebol, os que, como é natural, mais entusiasmo despertam, há a pôr em relevo o brilho alcançado pelas competições de voleibol. E há também que fazer referência à acção ultimamente desenvolvida pelo Centro Especial de Atletismo. Depois de várias provas de corta-mato, o Centro levou a efeito um curioso torneio no Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, no louvável desejo de difundir entre os jovens filiados o gosto pelas salutaras práticas do atletismo.

Manuel Correia, Brito Rebelo, Guedes Campos, Sobral e Mealha, entre outros, distinguiram-se, demonstrando óptimas qualidades a cultivar.

A este torneio outros se seguirão. O atletismo dentro da Mocidade Portuguesa progredirá. A modalidade só lucrará com o facto.

Abreu Torres

A patriótica Organização Nacional Mocidade Portuguesa continua com apreciável regularidade a sua magnífica obra em prol do vigoramento físico das camadas jovens. Os seus torneios e campeonatos, movimentando muitas centenas de desportistas dos vários escalões, provam exuberantemente a nossa afirmação e são até a mais eloquente prova do carinho posto pela M. P. nas competições reservadas aos seus filiados.

Agora, que as férias do Carnaval põem um breve compasso de espera das competições da M. P. presentemente em curso, é o momento oportuno para delas darmos um rapido balanço.

Começemos pelo campeonato de juniores, no qual concorrem quatro equipas, e que tem sido disputado com magnífico entusiasmo e muito interesse, dada a relativa igualdade de valores. A turma dos Pupilos do Exército, sem dívida uma das mais bem apetrechadas, comanda a classificação. Isso não significa, no entanto, que tenha a vitória assegurada. O Centro Extra-Escola de Belém e o Colégio «O Académico» são adversários a considerar. A expectativa mantém-se, pois, e com ela o interesse do torneio, cuja classificação no momento presente é a seguinte:

I. V. E. D. P.

Pupilos do Exército	2	1	-	5
Extra-Esc. de Belém	2	1	-	4
Col. «O Académico»	2	1	-	4
Esc. Ferreira Borges	2	-	1	3



O GOLO DE PORTUGAL

Tognon segurou Peyroteo com as mãos, descaradamente, depois dele atravessar o limite da grande área. O árbitro em vez de marcar *penalti*, ordenou um *livre*. Travaços apontou forte e feio, e Bacigalupo pôs as mãos à frente descaindo a bola para o lado direito dos portugueses...



O GOLO DA DISCUSSÃO!

Barrigana deixou-se levar pela sua vida e foi atrás de Baldini, para o lado esquerdo, até quase à linha lateral. Baldini com Carapellese, um fenómeno, marcou de cabeça a segunda bola. Virgílio, dentro das balizas, ainda tentou o impossível... Mas a bola ultrapassou o risco, apesar de ter sido discutido a que a jogada deu origem!



3.º GOLO DE ITÁLIA

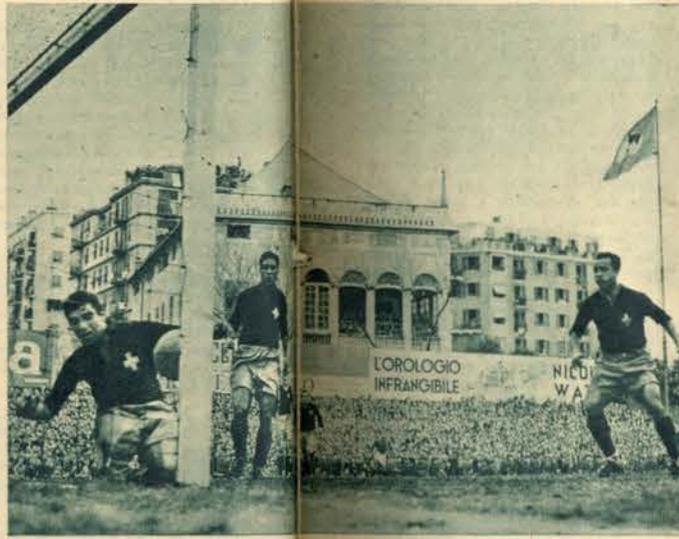
Baldini, colocado na asa direita, passou a bola a Mazzola, que, driblando dois adversários, atirou um pontapé forte e bem colocado. Barrigana lançou-se, mas nada pôde fazer...



Então, Lourenço acorreu com presteza e enviou a bola para as balizas!



Bacigalupo, com tristeza, vai buscar a bola ao fundo das balizas!



Virgílio, dentro das balizas, ajoelhou e tirou a bola para fora. O árbitro, no entanto, se deixou iludir e marcou golo!



Uma fase diferente do remate do 3.º golo de Mazzola, já com a bola após a linha fatal...



4.º GOLO DE ITÁLIA

Maroso veio ao meio do terreno, captou a bola, adiantou-se e disparou um remate sem defesa possível



...A bola foi tirada para fora das balizas por Virgílio, mas de nada valeu o grande esforço



1.º GOLO DE ITÁLIA

Barrigana demorou-se um pouco na saída e não cortou o golpe de cabeça de Mazzola para Menti. Este, implacavelmente, aproveitou o momento para estabelecer o empate

TRIBUNA DOS PORTUENSES

LAMAS DA FEIRA, 25 — «Ainda o caso Romão:

Será devido à infelicidade deste jogador com os críticos nortenhos, que ainda não seja convocado, pelo menos para a selecção B? Porque não experimenta o senhor seleccionador?

Verá como é um bom conselho e aproveitará imediatamente o infatigável rapaz.

Caso idêntico se passa com Alfredo, que no seu posto não tem jogador algum que o suplante. — *Serafim Ferreira Alves.*

Já dissemos nesta página isso mesmo. Romão e Alfredo são inequivocamente dois dos melhores jogadores do F. C. do Porto e do País. Em muitos dos seleccionados, tanto para a A como para a B, não vemos quem os domina. Romão é um médio de ataque sereno e dos que sabem dar uma bola, limpa, para a linha da frente. Alfredo, no posto de defesa central, é vigoroso, bate bem a bola com os pés e a cabeça.

Mas o que quer o prezado leitor? O seleccionador não somos nós, felizmente. Se o fossemos, acabaríamos com os lugares de assinatura no grupo nacional, e isso aumentava com certeza a lista dos nossos inimigos. Não sabe que há no desporto umas pessoas muito sensíveis, muito senhoras do seu nariz, que se aborrecem por tudo e por nada? Se um seleccionador quisesse ter a coragem de «cortar a direita» — Santo Deus...

Vamos suportando resultados como aquele de domingo, em Genova. Tanta gente famosa, dos tais indiscutíveis, para darmos o triste espectáculo de se jogar o desafio apenas à defesa!

Os seus contreraneos, porém, continuam no lugar que souberam defender. Alinham num bom clube e tem boa categoria. Pode ser que alguma vez se lembrem deles...

Não viu o prezado leitor que nas últimas semanas se passou o tempo a desfazer nas qualidades e no valor de Virgílio? E até de Barrigana? Não precisou o próprio seleccionador de declarar a «O Século», que o público de Lisboa conhecia mal o jovem elemento do F. C. do Porto?

Pois aí tem. A's vezes até apetece ser desleigante... Principalmente quando, de propósito, se salientaram os concorrentes ao lugar de amos.

PORTUENSES
assinem a STADIUM

Um debate no F. C. do Porto

NA última assembleia geral do F. C. do Porto, estabeleceu-se forte controvérsia entre o nosso prezado colega Alves Teixeira e o dr. Cesário Bonito, antigo presidente do popular clube. Temos pelos dois desportistas a melhor estima, pelo que têm feito em defesa do desporto nacional, cada um no seu campo. Ora, para um bom observador, a desinteligência não resolverá qualquer dificuldade que exista presentemente na vida do clube. Temos por certo que tanto Alves Teixeira como o dr. Cesário Bonito são desportistas do melhor quilate, e que não foram à assembleia geral conduzidos por diferentes maneiras de pensar «esporais». Interessa com certeza a um e a outro que o desporto norteño ande por bom caminho, só perturbando agora que alguns dos seus comentários possam ser interpretados como sintoma de lamentável desentendimento.

Depreende-se isto, pelo menos, da leitura dos jornais. Um nosso camarada refere-se assim à assembleia geral:

«Para apreciação do Relatório e Contas da gerência anterior, reuniu-se ontem no Palácio a Assembleia Geral do F. C. do Porto à qual acorreu elevado número de associados do clube.

A mesa foi presidida pelo sr. dr. Graça e Moura que teve a secretariá-lo os srs. João Silva e Marques de Oliveira.

Usou da palavra em primeiro lugar o sr. Alves Teixeira que fez a análise minuciosa do Relatório apresentado pela Direcção cessante, que em tão má situação — afirmou — deixou o clube.

Depois de manifestar o ponto de vista de que há muito a fazer dentro da agremiação, como para exemplo a organização de provas internas, a elaboração de um orçamento anual destinando as verbas suficientes para cada uma das modalidades, o estabelecimento de planos de organizações para cada época, o terminar de vez com certas situações de privilégio dentro da 1.ª categoria de futebol, a montagem de um consultório privado para acompanhar de perto os atletas, etc., entrou na análise dos diversos factos assinalados no Relatório, desde a dança dos treinadores com o regresso incompreensível de Szabo, até aos números.

No capítulo financeiro — afirmou o orador — a gerência do dr. Cesário Bonito foi absolutamente ruinosa. E citou números — De 1944 a 1947 o futebol rendeu 2.302 contos. No mesmo período gastaram-se 2.944 contos, o que representa um deficit de

642 contos. Em despesas gerais, entretanto que em 1942 e 1943 se dispenderam 40 contos, nos quatro anos seguintes essa verba subiu incompreensivelmente para 502 contos.

Falou, depois, no tratamento dado à comissão pro-campo, escurraçada, e os dinheiros amealhados levados para outros fins, nas obras do campo nas quais se gastaram somas fantásticas.

O orador, umas vezes aplaudido, outras interrompido, prosseguiu na sua análise, dando, por vezes origem a tumultos que o Presidente a custo conseguiu debelar.

Tomou a seguir a palavra o sr. dr. Cesário Bonito que começou por saudar a actual gerência pela homenagem que vai prestar no próximo domingo a Henrique Fabião, exemplo vivo de dedicação pelo clube.

Entrando directamente nos ataques que lhe foram dirigidos, estranhou que tendo o orador que o antecedeu tantas acusações para fazer, as não tivesse feito na altura própria e no lugar próprio.

Pelo clube tem-se sacrificado muito, quer moral, quer materialmente.

E' lamentável — afirmou — que o F. C. do Porto traga a sua vida devassada nas colunas de um jornal sobre assuntos que ali e só ali deviam ser debatidos.

Isto não é construir. E' destruir. Entrou, depois, na descriminação pormenorizada do que foi a obra da Direcção de que fez parte, procurando rebeter uma a uma todas as afirmações do seu acusador, que apelidou de levianas.

Os trabalhos da assembleia prosseguirão em dia a designar.

Verifica-se que há forças em luta. Embora correctas, pode sangrar o prestígio da colectividade. De resto, continuamos com a impressão, quase a certeza, de que nem o dr. Cesário Bonito e a sua gerência deixou de zelar honestamente os interesses do clube, nem Alves Teixeira o pretende naturalmente pôr em dúvida.

Não será assim?

CURIOSIDADES...

Continuamos a lamentar que Romão e Alfredo, seguros jogadores do F. C. do Porto, não sejam lembrados no actual momento pelo seleccionador nacional. Recomendamos ao sr. Armando Sampaio, pelo menos, que os veja jogar...

À exhibição dos dois grupos infantis do F. C. do Porto foi observada com certa curiosidade. Um regalo para aqueles que se lembram dos «pequenos» Valdemar, Acácio,

PARECE estar irremediavelmente comprometida a situação do Boavista. O popular clube do Bessa, servido por um «team» razoável, desculdouse bastante na primeira fase do campeonato nacional, e só tem agora de queixar-se de si próprio.

Julgamos, entretanto, que não deve considerar-se inteiramente perdida a sua posição. A despeito da maneira desorientada e por vezes infeliz como se apreciam em certos locais da discussão os prováveis resultados nas jornadas próximas, nós ainda confiamos sinceramente nos méritos do «segundo» portuense.

As suposições de algumas pessoas não podem criar ambiente de qualquer natureza, e os factos hão-de oppor-lhe na altura própria o desmentido insuspeito. Todos os clubes que estão e tem estado na prova máxima do futebol português merecem e tem merecido o respeito dos desportistas adeptos do jogo. E este continuará por isso a ser coisa séria, inatacável, digam o que disserem as pessoas irresponsáveis e nada serenas. Contra estas — protestamos.

O Boavista, de cuja situação, na verdade, ninguém terá culpas, não pode estar à espera que os estranhos lhe assegurem o trono. Tudo é possível, no futebol, quanto a resultados (pois vimos o Sporting perder em Braga e empatar no campo do Bessa quando o «team» leonino é forçosamente superior a qualquer) — e deste modo não nos surpreenderia se o conjunto «xadrez» subisse ainda à custa do seu próprio esforço.

Temos de reconhecer que é um pouco tarde, pois separam-no 3 pontos dos penúltimos e estes, muito justamente, também se apresentam dispostos a desfazer a séria ameaça de uma descida à 2.ª Divisão. Legítimo direito esse. De resto, o Vitória de Setúbal, por exemplo, é igualmente dos mais «históricos» clubes portugueses... E o Covilhã, sendo jovem no torneio, tem dado seguras provas da sua boa capacidade, do seu espírito de luta e apego à honra de andar envolvido com os melhores.

No desporto, nunca tal se esqueça, é preciso conquistar os lugares. Esperar que as vitórias sejam levadas por outros, de bandeja — é cair no comodismo impróprio do ideal em causa.

Lógó, aguardaremos ainda que o popular agremiação do Bessa saiba confiar nas suas possibilidades, deixando de abrir ouvidos a um ou outro zollo que «fabrica» de antemão a sua queda, com base em suposições próprias de gente sem regular formação desportiva.

A. T. n.º 1

DESPORTO E TRABALHO

NA vida moderna, escreve Bernard Gill, encontramos ou julgamos encontrar o desporto em toda a parte.

Não há no Mundo, com efeito, um único país onde não seja uma das distrações preferidas pela juventude e, ao mesmo tempo, o espectáculo favorito do público. O desporto é ainda a disciplina preconizada por alguns educadores para assegurar a formação da personalidade e o desenvolvimento das qualidades de carácter, o processo utilizado pelos governos das nações para cultivar a energia ou despertar nas gentes moças o espírito combativo. E' também, finalmente, um bom meio de propaganda.

Não é possível alcançar objectivos tão variados sem profundas modificações na maneira como devem ser praticados exercícios físicos, aparentemente similares. Por tal razão parece pouco conveniente classificar sob a mesma designação, actividades muito diversas de intenções, natureza e efeitos. Antes de baptizar desportivas será necessário investigar quais as condições precisas a que devem obedecer.

Podemos designar como desportista quem dele faz profissão ou auferir proventos? Serão desportistas aqueles que, ocasionalmente e desprezando esforços, se entregam à prática de um jogo ao ar livre, o praticam por obrigação ou se limitam ao papel de espectadores?

A esse vem de longa data sendo debatida mas em verdade se pode afirmar que, não somente o desporto não deve ser equiparado ao trabalho como é precisamente o género da actividade que lhe deve ser oposto.

José Ortega y Gasset sabe mostrar de maneia fragante a opposição entre as duas actividades: «O exemplo típico deste esforço obrigatório, para estrita satisfação de uma necessidade é o que os homens chamam vulgarmente trabalho. O exemplo mais claro do esforço superfluo é o desporto. Isto leva-nos a inverter a hierarquia secular e considerar a actividade desportiva como a primordial e criadora, a mais elevada, séria e importante da vida: e a actividade laboriosa como derivada da precedente. Mais ainda, só há vida propriamente dita no viver em moldes desportivos, porque o resto é, relativamente, apenas mecanização e simples funcionamento.»

O futebol nunca foi tão popular nem tão pobre

XII — Por GEORGES LANGELAAN

Embora o entusiasmo pelo futebol, em todo o Mundo, nunca tenha sido maior, os clubes de toda a parte notam cada vez mais dificuldades para equilibrar os seus orçamentos e alguns têm sofrido este ano grandes perdas.

Na Grã Bretanha os grandes salários, os grandes prémios de transferências e as grandes despesas em geral estão a pôr em dificuldade, muitos clubes da 3.ª Divisão. E o mesmo se nota em França, Itália e na Argentina, não havendo dúvidas de que se pode dizer o mesmo em toda a parte.

Provavelmente, um dos principais motivos desta situação é a forma como se têm feito os prémios de transferências, cada vez maiores depois da guerra; e outros pontos é que os lucros na época do jogo, não são suficientemente elevados para pagar todas as despesas, incluindo os meses de verão.

Parece haver uma única resposta — o semi-profissionalismo. Creio que os clubes britânicos terão de se adaptar cada vez mais à ideia de um jogador desempenhar outro emprego durante a semana e de jogar pelo seu clube, no sábado à tarde. Desta forma o rendimento do jogador aumentaria e não precisaria de estar constantemente a pedir aumento de dinheiro ao seu clube. Muitos clubes instam já por essa ideia de semi-profissionalismo; mas há muitos outros que se abstêm de optar por ela, em vista de a pericia do jogador e o vigor terem necessariamente de sofrer. Como não há conservantismo mais forte do que o do futebol, pode ser que leve muito tempo a convencer toda a gente de que o conjunto do moderno desporto é muito diferente daquilo que era há 20 anos.

A Federação Francesa discute os rendimentos dos clubes

A Federação Francesa de Futebol convocou uma reunião extraordinária para o mês de Março em que se espera venha a ser definido o estatuto do jogador profissional. A proposta de partilhar as receitas, acima de um certo mínimo, com os clubes menos favorecidos da sorte, não foi aprovada por 20 votos contra 28 na reunião deste mês. Na «Taça da França», os clubes profissionais exprimiram o desejo de os jogos até à semi-final serem jogados no campo do primeiro grupo a ser tirado à sorte, e de os clubes profissionais serem dispensados das primeiras voltas. O preço mínimo de entrada nos campos de futebol foi fixado em 80 francos, havendo melas entradas para os menores de 16 anos.

Notícias da Argentina dizem que a greve do futebol nesse país se mantém inalterável. A Federação insiste pela redução de salários, em metade, e recusa-se a reconhecer o Sindicato dos Jogadores. O público cansou-se de depressa de assistir a jogos indife-

rentes jogados por grupos de amadores, e os campos de jogos ficaram vastos. Beneficiaram disso as corridas de cavalos e os cinemas. Há um certo receio de que possa vir a ser difícil fazer regressar de novo as multidões. Os clubes encontram-se em dificuldades, e sabe-se que o Boca Juniores se defronta com um deficit de 40 mil libras.

Na imprensa desportiva francesa consagrou-se tanto espaço ao regresso à actividade de Ernest Vaast ao Racing Clube de Paris, como o que se consagrou aos grandes desafios da semana. Vaast achava-se em disputa com o seu clube e seguiu para Ginebra, declarando que nunca mais jogaria por ele. Entretanto, como um conhecido «gentleman» numa das peças de Shakespeare, o clube manteve a sua posição e Vaast não pôde jogar noutra parte. Agora o caso arranhou-se e ele regressará ao Racing Clube de Paris.

Da Itália vem-nos a noticia de que um jogador sueco, recebido calorosamente por bandas de música e por uma multidão de partidários, à sua chegada, sente pressa em deixar os céus do sul da Europa e regressar às terras de onde veio, que ele classificou numa entrevista como uma terra onde se joga futebol e se não vêem pontapés de homem para homem.

Está a começar um movimento xenofobo?

Há quem pergunte se na Itália se está a desenhar um movimento xenofobo. Bongiorno, jogador que deixou um clube francês para jogar na Itália, queixa-se de boicotagem em campo, uma vez que os camaradas de clube lhe não passam a bola de forma que ele dificilmente consegue marcar.

Diz-se igualmente que dois jogadores britânicos que entraram para o Juventus de Turim decidiram regressar imediatamente à sua pátria. Trata-se de John Jordan, que ultimamente jogava pelo Tottenham Hotspur, e Willie Chalmers, que pertenceu ao New Castle. Não se sabe todavia se essa decisão é o resultado de qualquer actividade contra os estrangeiros por parte dos partidários do Juventus.

Torna-se cada dia mais necessário um entendimento claro da Associação de Futebol e das suas regras de forma que a interpretação seja a mesma em todos os países. Em muitos espíritos na Europa pergunta-se o que se entende exactamente por «obstrução», depois do recente desafio Holanda-Bélgica, arbitrado por um árbitro inglês. Marcava um livre em cada caso de obstrução. O trabalho sobre arbitragem escrito por Charles Van de Veegheta dá-nos um exemplo da obstrução lícita: meter-se deliberadamente no caminho do adversário para o impedir de passar a bola ou de a receber. Eis aqui novo trabalho para a Federação Internacional de Futebol que se deve reunir em Março.

Yeovil poderia atrair as multidões francesas

Os jornalistas desportivos franceses estão a apoiar o Manchester United na Taça de Inglaterra. O Yeovil foi por eles derrubado muito cedo, mas os da Liga do Sul, tiveram nos jornais desportivos franceses tanto espaço, relatando seus feitos e a sua história, como aquele que era consagrado ao Arsenal. Não há dúvida que se o Yeovil fosse jogar agora a Paris poderia fazer bom negócio.

O seguinte anúncio num jornal francês dedicado ao futebol não parece demonstrar amorosismo puro: «Uma boa situação, com alojamento e instalações incluídas, para o operário ou «chauffeur», bom jogador da classe de «amadorismo». E esses anúncios são numerosos.

O sr. Pedro Escartin, antigo árbitro espanhol, jornalista desportivo, deu-se ao trabalho de seleccionar os vencedores para a Taça Mundial do próximo ano. Os grupos que ele prevê venham a sair-se bem do torneio preliminar são os seguintes: Inglaterra, Irlanda, Suécia, Suíça, França, Austria, Estados Unidos, México, Argentina, Chile e Espanha.

Entre os profissionais franceses há um veterano, o médio inglês Fred Aston. É o decano dos profissionais franceses, tendo assinado a ficha em 1932, pelo Red Star, que foi o primeiro ano do profissionalismo em França. Nasceu em Chantilly, onde sempre houve numerosas famílias anglo-francesas por causa das «écuries» de corridas. Fred Aston tem 37 anos e diz que é tempo de se afastar e de se dedicar ao treino dos mais jovens. Jogou 21 vezes pelo grupo nacional francês.

Ultimamente, no Continente europeu têm sido registados alguns incidentes ásperos, em desafios de futebol. Alguém que proceda aos trabalhos de pesquisas para descobrir o jogo que batasse o recorde de incidentes, em desafios de futebol, descobriu um que tinha terminado com 12 mortos e 57 feridos. Esse jogo realizou-se na Nova Guiné... há uns 10 anos. O investigador paciente não diz se essa ligeira divergência foi devida à regra do fora do jogo ou a uma grande penalidade.

Os «Deuses do Domingo» («Les Dieux du Dimanche»), para lhe dar o nome francês, é um filme de futebol. Como os grandes desafios se realizam ao domingo, os jogadores mais populares são os heróis desse dia. As grandes multidões em Colômbia, gritam pelo guarda-redes, e os avançados entram numa história de amor, originando ciúmes, irritações e cenas nas cabines, e muitas outras coisas.

Almanaque dos Desportos
Encontra-se à venda
na Administração da «Stadium»



A equipa do Sport Club Conimbricense, que este ano ganhou o campeonato da I Divisão da A. F. Coimbra.

Da esquerda para a direita, no 1.º plano: Renato, Rodrigues, Adriano, Alvaro e Manuel (os quatro últimos vindos das equipas de Juniores). De pé: Miguel, Fernando Alves, Albertino e Baptista (também vindos dos juniores), Francisco Cruz e Afonso (outro elemento formado na categoria juniores).



Disputou-se no último domingo, nos terrenos anexos ao Estádio Nacional o campeonato nacional de corta-mato. Venceu Afonso Marques, do Sporting, e também este clube por equipas. Araújo, do Benfica, foi o único que conseguiu meter-se entre Marques, Filipe Luís e Carvalho. Apresentamos ainda um aspecto da chegada e uma passagem

O CONIMBRICENSE

e os seus projectos

O Sport Club Conimbricense, das mais antigas e tradicionais instituições na cidade universitária, elegeu recentemente os seus novos corpos gerentes. A direcção ficou constituída pelos ares, Alvaro Santos, Gilberto Cardoso dos Santos, António Vicente, António da Silva Santos, António das Neves, Armando Melo Santos, Augusto das Neves, José Teixeira de Sá e Alvaro dos Santos Chaves.

Alvaro Santos, o presidente, é conhecido e antigo árbitro internacional de futebol, que foi também em tempos médio-centro e capitão da equipa do clube e seleccionado pela A. F. C. fazendo parte da actual comissão distrital de árbitros da mesma associação. Gilberto dos Santos foi secretário geral da A. F. C. António Vicente, que tem representado o Sport em basquete e andebol, é uma das mais firmes dedicações da colectividade. António da Silva Santos, que se revelou como dirigente no desporto corporativo, é também dedicado adepto do clube. Os restantes, dentre os quais José Teixeira de Sá merece referência pela colaboração que tem dispensado ao S. C. C., como jogador e capitão do grupo principal de futebol, cuja actividade só abandonou esta época, formam um núcleo muito valioso, e do seu labor há a esperar uma obra de larga projecção, como de resto já amplamente se desenha, não obstante só há pouco terem assumido a gerência da agremiação.

É brilhante o historial do Sport. O futebol deve-lhe as suas primeiras grandes organizações no centro do País. O ciclismo, por sua vez, os seus períodos de maior fulgor, tanto em matéria de empreendimentos como pela revelação de corredores que deixaram nome. No basquete, foi uma vez campeão nacional e durante quinze anos consecutivos campeão regional.

Nem mesmo depois de deixar o campo do Arnado — um campo de magníficas tradições no desporto conimbricense — o importante clube abandonou a prática do futebol. Pelo contrário. A sua escola de Juniores, a qual ainda agora salienta as equipas das categorias superiores, alcançou notoriedade, inclusiv na própria categoria, que foi, em duas épocas consecutivas, campeã regional.

Este ano, o Sport voltou a conquistar um título na mesma modalidade: o da I Divisão da A. F. C.

Dessa equipa faz parte o jogador português mais antigo em actividade — o guarda-redes Fernando Alves, que foi suplente da selecção nacional contra a Espanha, em Vigo.

Fernando Alves retirar-se-á esta época, com 42 anos de idade, e mais de 27 de jogos em que o seu valor e a sua categoria se firmaram de maneira extraordinária, pelo que a sua festa de despedida bem deverá ser, simultaneamente, de consagração.

A nova direcção do Sport, animada de firme e veemente desejo de imprimir à vida do clube um ritmo de constante progresso, vai empreender uma série de importantes organizações.

Bem merece o Sport, pelo seu passado admirável e pelas reais possibilidades do seu presente!



Veja-se Reboredo... e o guarda cívico, adepto do Porto. O primeiro beija a bola, e o segundo vai abraçá-lo.

COISAS DO PASSADO

Quando o F. C. PORTO entusiasmava o público...



Valdemar Mota e Manuel Oliveira lutam com extraordinária energia — como dois grandes atletas. Tavares parece assustado...

NÃO se assustem os presados leitores! Não vamos debater o tema do progresso ou retrocesso do futebol português.

Desejamos, apenas, reviver alguns episódios passados, que nos trazem à memória acontecimentos sugestivos.

As duas imagens que vêdes, servir-nos-ão para garantir que o atleta, quer profissional, quer amador, pode sentir na mesma a camisola, dispender energias sem contemplanções, exteriorizar contentamento pelos momentos bons que bafejam a sua equipa e desespero pelos maus.

É inegável que o futebol no passado (e este não vamos buscá-lo muito distante) proporcionava-nos espectáculos coloridos, vibrantes, em que o público atingia facilmente o delírio, a quase loucura nas suas manifestações de alegria. Hoje a «plateia» mantém-se mais comedida.

O perfilhamento de táticas, a ante-visão do que poderá fazer o adversário, o desenhar com tira-linhas o encontro antes dele disputado, mecanizou um tanto os movimentos dos jogadores.

Não venham os mais assombrados acusar-nos de aproveitar o ensino para condenar o futebol moderno. Isso é outra cantiga...

Pretendemos, apenas, dizer que jogador, transformado um pouco em automático, já não vive tanto os jogos. Além disso a maior parte deles fazem do futebol a sua profissão e não podem arriscar-se muito. Qualquer acidente retira-os-á do campo e embora continuem a vencer ordenados, a verdade é que os prémios podem desaparecer e ainda as benesses que os simpatizantes concedem sempre naqueles dias luminosos da vitória, quando se recordam que os seus ídolos são os *melhores do mundo* para, decorridos dias, serem um *mandriões* (o termo usado não é bem este) logo que o vento da desdita apouqueta a equip idolatrada.

Há muitas excepções a essa regra que acima definimos. Vemos, ainda, por exemplo um Azevedo regressar à baliza, depois de ter saído fortemente lesionado; reparamos no esforço generoso de um Francisco Ferreira que, mesmo magoado, continua em luta, nem que não faça mais do que incitar os seus companheiros, e tantos casos mais.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

O campeonato da Liga Inglesa fez das suas: os três deanteiros, Portsmouth, Newcastle e Derby County — primeiro, segundo e terceiro classificados — pairam derrotados pelo Sheffield United Manchester City e Bolton. Isto não alterou as posições respectivas mas reduziu-lhes os pontos de vantagem.

Nesta quadra do ano sucede um fenómeno. Os desafios para a Taça sobrelevam em interesse os do campeonato da Liga, ao ponto de alguns clubes, apresentarem formações débeis nos segundos para conservar intactas as linhas principais.

Apresentam-se como favoritos da Taça o Manchester United, detentor em 1948, e o Portsmouth mas o Wolverhampton parece tornar-se o competidor mais ameaçante.

Na Itália, o acontecimento marcante foi o empate entre Turim e Pádua, por 4-4. Os paduanos seguem a meio da classificação e o resultado pôs em cheque a defesa do grupo nacional, porquanto os turinenses, Ballarin, Maroso e Bicalgual — com Rigamonti nas redes, consentiu 4 tentos em vésperas de enfrentar a linha deanteira dos portugueses.

Outro resultado volumoso da jornada: Juventus derrotou Sampdoria por 5-1.

Na Escócia a posição do Hibernian encontra-se em perigo, depois da derrota que sofreu ante Glasgow (1-0) e Dundee, ganhando a Albion Rovers (5-0) situou-se a 1 ponto do leader e com três desafios a menos.

ATLETISMO

Na intenção de impossibilitar falsas partidas, tanto nas provas de velocidade simples como nas de obstáculos, os próximos campeonatos dos Estados Unidos, em pista coberta, vão servir de experiência ao emprego de uma grade metálica, semelhante à que se usa nas provas hípias.

NATAÇÃO

O sul-africano Jackie Wied melhorou, na última semana, o recorde das 100 jardas, realizando o tempo de 60 segundos. A título comparativo, registamos que o recorde mundial pertence ao americano Kiefer, desde 1944, com 56,8 segundos.

NOTA DA SEMANA

Continua em estado latente, mantendo-se as posições respectivas, o conflito de carácter financeiro que divide a União de Jogadores de Futebol de Inglaterra — espécie de sindical, onde se albergam os jogadores profissionais — e a Liga de Futebol, organismo congénere, a que pertencem os mais importantes clubes.

Como ambas as partes fazem finca-pé nos pontos de vista próprios, mas os cabedais pecuniários existem dentro dos cofres dos organismos da Liga, a União pensa em entregar ao Ministro do Trabalho Britânico, a solução do pleito.

Pelo menos é este o aspecto que os jornais anunciaram, no decurso da semana finda, e que a ser válido poderia trazer alguma luz à atmosfera de trevas, dentro da qual o problema se debate.

No fundo, o que os jogadores pretendem é o seguinte:

- 1.º — Um contrato, cujos termos assegurem ao futebolista liberdade de mudar de clube, após 3 anos de permanência sob as mesmas cores;
- 2.º — Que seja aumentado o salário de 12 libras, actualmente percebido;
- 3.º — Que o prémio facultativo de 750 libras, pago no fim de 5 anos a cada jogador, seja substituído por outras vantagens pecuniárias, escalonadas no tempo e beneficiando todos os sindicalizados.

Em resumo, são estas as reivindicações da União, à qual a Liga se tem oposto sistematicamente, e para cuja satisfação se roga a arbitragem do próprio Ministro do Trabalho.

Analisando sumariamente o caso, e de longe, afigura-se-nos que esta questão é o velho conflito dos que têm e dos que não têm, questão já velha e tanto como o Homem à superfície da Terra.

Os clubes, constituindo meras sociedades de responsabilidade limitada, ou empresas para explorar o desporto como espectáculo, interessam-se mais pelos lucros da firma que pela distribuição justa e equitativa dos mesmos. Os prémios de transferência, por exemplo, só muito remotamente beneficiam os que dão o corpo ao manifesto, com evidente prejuízo da mais elementar justiça.

Seguiremos atenciosamente o desenrolar do pleito, longo e só parcialmente demovido desde que foi apresentado pela primeira vez

Ricardo Bergmann, grande jogador profissional de «ping-pong» esteve em foco. Disputavam-se os campeonatos de Inglaterra, e o ex-campeão mundial partiu favorito, mesmo contra o actual Johnny Leach, vencedor de Bohumil Vana, o checosoador. É certo que a derrota do vienense, em cujas veias flui sangue polaco, paterno, e italiano, da mãe, sucumbira na quarta jornada, sob a dextreza do húngaro Ferenc Soos. Isto, constitui, de certa maneira, um golpe de descrédito a respeito da sua forma e capacidade presentes.

No fim, um moço americano, Marty Reisman emergiu vitorioso sobre um veterano que até ao último instante se bateu com grande pertinência: Viktor Barna. O score revela o encarniçamento da disputa, consoante demonstramos noutra lugar desta página.

Se Bergmann e Leach ficaram eliminados em Wembley isto não significa que um ou outro estejam abaixo dos finalistas, mas que em competições o factor sorte tem muito preponderante papel a desempenhar.

Por isso mesmo, os resultados dos jogos se oferecem à crítica do bom-senso como acontecimentos desprovidos de qualquer lógica.

Técnicos, prognosticadores, entusiastas, todos se enganam as mais das vezes, no computo das suas abalissadas previsões. Note-se a incongruência do futebol: Nos cinco principais desafios da sexta jornada para o campeonato da Liga, os grandes favoritos foram-se abaixo das pernas, ante os menos reputados.

Isto acontece com mais frequência nos desportos colectivos que nos individuais. A classe de um Joe Louis, Tilden, Weissmuller ou Gaston Reiff jamais crederia o passo aos adversários francamente inferiores. A permanência da supremacia é tanto menor quanto maior for o número de componentes de cada facção ou partido. Esta lei simples, aliás, tem fundamento estatístico e o cálculo das probabilidades demonstra a sua nacionalidade.

Rafael Barradas

BOXE

Os principais resultados obtidos no decorrer da última semana, tanto na Europa como nos Estados Unidos, foram os seguintes:

A velocidade de execução do pugilista francês Laurent Dauthuille facultou-lhe derrotar o possante jogador americano Jake La Motta, após um combate de desusada violência.

O desafio travou-se em Montreal, no Forum, e a lotação esgotou-se totalmente. Embora o Americano dispusesse de 2.º 300 de vantagem ponderal, foi o seu adversário quem obteve a decisão do árbitro. Os 1.º, 3.º e 4.º assalto portenceram a La Motta, os restantes, excepto o 5.º que foi de equilíbrio, couberam ao francês que findou o «match» mais fresco e em melhor condição.

Este notável triunfo coloca a Dauthuille entre os maiores da categoria «médius», atrás de Cerdan, Bellello e Delanotte.

Em Baltimore, o caloiro americano Gene Gosney conseguiu desembrasar-se do austriaco Jo Weidin, por desistência ao 3.º assalto. Weidin, desde o primeiro sofreu um ferimento na arcada supraclavicular esquerda que sangrou extremamente.

Em Londres, no Albert Hall, o hábil «lévissimo» Dany O'Sullivan alcançou uma justa desforra vencendo Jackie Paterson, por pontos.

Outros resultados do programa: Al Philips venceu Eddie Lombard, Randolph Tuprin superiorizou-se a Doug Muller e Solly Cantor derrotou Peter Fallen.

Em Madrid, o campeão de «semi-leves» Luis de Santiago, pôs fora de combate ao 5.º rd., o francês Georges Vignes, que esteve na lona no 2.º, 3.º e 5.º assaltos.

Rocky Castellani, um dos melhores prospectos de 1948, manifestou-se fraco e pouco capaz deante do veterano Charlie Fusari, que o derrotou por pontos, em Nova York.

Locatelli, Sylvano, irnã do famoso Gletto, estreou-se em Nova York. Oposlo a Paul Jackson, brioso cavalo de ensaio, triunfou por pontos.

Dave Sande, australiano despachou por K-O ao 1.º assalto o peso médio francês Tony Toniolo, que se estreava nessa ocasião em Melbourne.

PING-PONG

Depois dos campeonatos do Mundo, disputados em Estocolmo, e que viu a vitória do inglês Johnny Leach sobre o checo Vana, efectuou-se o campeonato de Inglaterra.

Leach sucumbiu no decorrer da 4.ª jornada, batido pelo veterano jogador polaco Aloiszy Ehrlich por 16-21, 21-13, 21-15, 12-21 e 21-11.

Outra surpresa foi a derrota de Bergmann em quem os ingleses depositavam boas esperanças.

No fim, o triunfo coube ao jovem americano Marty Reisman, que derrotou o veterano Viktor Barna, na final, por 21-17, 19-21, 20-22, 21-16 e 21-16.

A COSTA DO SOL

ganhou o 8.º Campeonato Inter-Clubes de Lisboa

OS CAMPEONATOS UNIVERSITARIOS

Os torneios desportivos que os estudantes da Universidade de Lisboa emprenderam organizaram, numa louvável iniciativa, estão decorrendo com toda a regularidade e a mais perfeita disciplina.

Os estudantes já concluíram a prova de tenis de mesa, cuja final, no entanto, será possivelmente anulada pela necessidade de repetir uma das meias-finais; estão perto da fase final do campeonato de futebol e começaram há dias o de voleibol, modalidade das mais brilhantes tradições.

Logo que terminem as duas competições em curso, começarão as de raguebi e basquetbol e, intercorrentemente, as de hoquei em campo, tiro, xadrez, tenis e esgrima.

Não foram fixadas datas para os torneios de andebol e hoquei em patins, por incompatibilidade de datas, mas depois das férias da Páscoa disputar-se-ão os campeonatos de atletismo (para filiados na F. P. A. e para não filiados, em programas e dias separados) e natação. Pensa-se ainda no remo e na vela.

O entusiasmo pelos desportos neste empreendimento, arcando com as respectivas responsabilidades sem apoio de qualquer entidade oficial, além da mera orientação técnica, é merecedor de aplauso e, também, da colaboração indispensável ao pleno êxito da iniciativa.

O desporto universitário, que em Portugal ainda não conseguiu personalidade independente, está no bom caminho para a conquistar, pelo menos em certas modalidades, como o voleibol e o raguebi; neste último jogo, por exemplo, ao passo que o campeonato regional é disputado apenas por quatro equipas, são em número de seis as escolas que se propõem apresentar grupos no campeonato académico.

Se a Mocidade Portuguesa, organismo ao qual, por lei, estão ligadas as competições desportivas entre estudantes, lhes mantiver o apoio dos anos precedentes, contando com a cooperação técnica da Direcção Geral dos Desportos que dispôs dos recursos federais, o desporto universitário em breve será uma sólida realidade no país. Uma realidade para bem da Nação.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

TEVE um desfoche inespérado, o 8.º Campeonato Inter-Clubes de Lisboa. O Benfica partiu, desde a primeira sessão, como favorito, dado que a sua equipa era formada por 4 mestres (três deles, ex-campeões de Portugal) e ainda pelo campeão da categoria A do G. A. L. A altura de lhe opor réplicas condignas apenas quatro agrupamentos: Atlético que se estreou em pugnas exaustivas e Clube dos Caçadores cujas equipas eram constituídas por um mestre e três elementos da 1.ª categoria; Costa do Sol, formada só por elementos da 1.ª categoria, mas de força muito homogênea; e a equipa do I. S. Técnico, em identicas circunstâncias, mas de forças menos equilibradas.

Até à penúltima jornada, os benfiquistas mantiveram vantagem, e o triunfo final parecia que lhes estava reservado. Contudo, ao derrotarem a equipa dos Caçadores, sobossobram inesperadamente, e por margem q. os colocou automaticamente em 2.º lugar, atrás do grupo da Costa do Sol, embora com o mesmo numero de pontos.

A última sessão, realizada no chali do Casino Estoril, e que colocou frente a frente as duas equipas favoritas, foi das mais emocionantes que temos presenciado. Os jovens jogadores da Costa do Sol, embora menos categorizados, entregaram-se à luta com tal empenho, que logo surgiu a impressão de que seriam capazes de alcançar o desejado empate, que os colocaria definitivamente no 1.º lugar. Basta dizer, que jogadores rápidos, utilizaram o tempo de reflexo, como nunca. O primeiro excedeu mesmo o tempo de controle e o segundo esteve prestes a fazê-lo, perdendo, em consequência disso, a vantagem que alcançara na sua partida com o dr. A. M. Pífes.

A classificação geral foi a seguinte: 1.º — Costa do Sol, 24 pontos (Vasco Santos (4), J. Casimiro Vinagre (5,5), J. Luis de Moura (7,5), Fred. Lavignes (7) e dr. Morais Sarmiento (2)).

2.º — Benfica, 24 p. (Leonel Pias (6), Araújo Pereira (4), Carlos Pias (6), dr. A. M. Pires (6), Albino Martins e Francisco Lupi (uma cada, ou seja, os três elementos que alinharam no 4.º tabuleiro ganharam todas as partidas disputadas)).

3.º — Clube dos Caçadores Portugueses, 21,5 p. (José Dores (8), Rodrigues da Silva (8), Garcia Torrens (5,5), Amílcar Grijó (6)).

4.º — Atlético Clube de Portugal, 19 p. (Marçal Rocha (2), Daniel de Oliveira (4,5), Emilio Valdear (1), Manuel Sampaio (4,5), Silvério Pereira (4) e Policarpo Lemos (3)).

5.º — «Clube Alekhine», 17,5 p. (Rogé-

rio Fernandes (4,5), João Amadeu (4), Mário dos Santos (4) e Rui Franco (5)).

6.º — I. S. Técnico, 15,5 p. (Helder Sardinha (5), Antonio Cardoso (6), J. Mi-moso (1,5) Israel Ferreira (2) e Antonio Abrantes (1)).

7.º — Estudantes do Império, 12,5 p. (João Soares (1), Morais Sarmiento (5,5), Quaresma de Almeida (4) e Marçal Ribeiro (2)).

8.º — Faculdade de Medicina, 7,5 p. 9.º — Casa Vaultier, 1,5 pontos.

Individualmente, distinguiram-se José Luis de Moura (Costa do Sol) que jogou todas as partidas, e só empatou uma, vencendo nas restantes; Helder Sardinha (Técnico) e dr. A. M. Pires (Benfica), que ganharam todas as partidas disputadas; Daniel de Oliveira (Atlético), que só cedeu meio ponto em 5 jogos, sendo o melhor 2.º tabuleiro; e Fred Lavignes (Costa do Sol) com uma única derrota.

O comportamento das equipas

A vitória da «Costa do Sol» foi justa. Moura e Lavignes foram o esteio da equipa, o que aliás estava no plano pre-estabelecido ao formar a «linha». No difícil posto de 1.º tabuleiro, V. Santos teve um comportamento satisfatório, perdendo apenas com Sardinha e Pias (na realidade, os dois mais fortes jogadores do torneio) e batendo os mestres Dores e Rocha. Vinagre teve uma actuação fraca, perdendo alguns pontos certos, mas reabilitou-se na última jornada, batendo o benfiquista Araújo Pereira e assegurando o triunfo da sua equipa. O suplente, dr. Morais Sarmiento, chefe da equipa, cumpriu bem, ganhando as duas partidas jogadas. A Taça Orgel ficou mais um ano na posse dum clube da Costa do Sol.

Na equipa do Benfica, Araújo Pereira não soube acompanhar o excelente ritmo dos seus companheiros, e à sua fraca, que inespérada actuação, pode atribuir-se o fracasso da turma dos «encarados» ao «print» final. Os restantes elementos cumpriram, sendo de notar que Carlos

Pires foi bastante «atralçoado» pelo tempo de controle.

O «Clube dos Caçadores» fez a sua última prova de Xadrez com surpreendentes resultados, José Dores jogou contra Pias uma partida brilhantíssima, com sacrificio de qualidade, dum torre e dois bispos (1), digna dos maiores enó-mios. Toda a equipa actuou com homogeneidade, ganhando com justiça a 3.ª classificação do torneio.

O Atlético, na sua estreia em competições de xadrez, demonstrou personalidade, embora dum modo um tanto bizarro. Quando ganhava, era por 4-0! E fizeram-no por quatro vezes, bateado um verdadeiro recorde. Pena foi que dois dos efectivos (Marçal Rocha e dr. Valda-res) nem sempre pudessem prestar o seu concurso, falseando assim a sua pontuação.

O «Clube Alekhine» foi também estreante. A sua classificação, à frente dum equipa consagrada (I. S. Técnico), é um tanto ilusória, já porque beneficiaram de muitas faltas de comparção dos adversários. Todavia, os seus elementos, pouco experimentados em tais lides, revelam força muito apreciável, e de certo modo homogênea.

O Técnico ocupou uma posição modesta por culpa própria. Uma única vez alinhou em todos os tabuleiros. Invariavelmente, faltavam um ou dois componentes da equipa.

Os Estudantes do Império foram pouco felizes na sua estreia no campeonato, dado que mereciam melhor. Morais Sarmiento e Quaresma de Almeida foram dois bons tabuleiros.

A equipa da Faculdade de Medicina, constituída por Virgílio de Matos, Rui Machado, Tavares da Rocha, Correia da Fonseca e Xavier de Brito, portou-se com galhardia, obtendo alguns êxitos meritosos.

O grupo da Casa Vaultier, sem aspirações, dada a fraca categoria dos seus elementos, marcou os seus únicos pontos por intermédio do seu 1.º tabuleiro, Jorge Osório.

V. S.

Uma página

do Futebol portuense

(Continuação da página 5)

Na generalidade, o jogador actual sente muitas lesões e realça-as mais... No passado não existiam tantas distenções que agora. E' possível que nos digam ser o jogo maldoso. Talvez. Progrediu-se um pouco na maneira de «tocar» o adversário.

Antigamente lutava-se mais peito a peito. Eram curiosos, como expressão atlética, os duelsos Avelino Martins-Soeiro, um dos atractivos da velhíssima rivalidade Porto-Sporting.

Temos na defesa deste encontro Porto-Benfica, disputado no saudoso campo do Amal (terreno que a desorientação roubou ao pobre património dos desportistas portuenses) um testemunho gritante da gana com que se lutava. São conhecidíssimas as figuras Do lado do Benfica vemos Jorge Tavares e Manuel de Oliveira e da banda portuense está esse popularíssimo internacional-olímpico que se chama Valdemar. Veja-se o entusiasmo denunciado na disputa desta jogada. Revela-se nas atitudes dos três grandes jogadores a ansia de conseguir a

posse de uma bola que se escapa, embora se adivinhe que Valdemar, desta vez, não conseguiu levar a melhor.

Nessa imagem vemos revividas lutas antigas entre o F. C. do Porto e o Benfica, duas colectividades que são dois símbolos do desporto portuense e lisbonense e sem dúvida as que estão mais dentro da alma do povo.

Ambas as colectividades atravessam agora uma ligeira crise. O Benfica está mesmo lançado na faina de construir uma equipa para futuro. Mas não se pode deixar de confiar no seu valor, tantas virtudes construívas a sua gente revela.

A outra imagem tem um perfume muito suave para os portuenses. Pertence a um jogo que teve grande história no futebol português.

Foi tirada no campo do Arnado e deve-se à objectiva felicíssima do Hermann. Disputou-se o campeonato de Portugal e mais uma vez como protagonistas o F. C. do Porto-Sporting.

A luta foi arrazante. Os portuenses venceram por 3-2. Um dos golos do F. C. do Porto foi obtido na marcação dum «penalty».

Um defesa do Sporting — salvo erro Jurado — meteu mão à bola julgando ter ouvido o árbitro apitar para assinalar livre, por mão de Reboredo. Fôra engano e o pontapé de Vianinha não perdoou.

Nesta fase, a do segundo golo dos portuenses, ve-se Francisco Reboredo, depois de ter ido buscar a bola ao fundo das redes confiadas a Azevedo, heijá-la com entusiasmo, a denunciar que ele estava vivendo o jogo. Repare-se no entusiasmo do polícia que nos aparece na fotografia. Tem-se quase a impressão de que foi ele o autor do ponto!...

Isto diz-nos, com singeleza, que os profissionais também vivem os jogos e também sentem a camisola — mais talvez de que a maioria dos «amadore» que existem ainda no nosso futebol!...

Alves Teixeira

Alfaiataria MOREIRA

Rua Eugénio dos Santos, 78 LISBOA — Telefone 2 7962

Direcção Técnica de MANUEL FERNANDES

Alfaiates de Senhores, Cavalheiros e Meninos

Descontos especiais aos desportistas



Serfim, num choque de emboca com Maroso, que estava nesta altura ocupando o lugar de ponta-direita, magoa-se no nariz e o maçagista Manuel Marques acorre e trata-o com solicitude



Os reservas italianos aguardam, juntamente com um dos três comissários, um momento que, aliás, não chegará...



Estamos a vencer! Os suplentes portugueses seguem o desenrolar dos acontecimentos com interesse. Barrosa, no meio deles, não perde um detalhe. Felix esfrega as mãos de contentamento. O mau tempo virá depois!



Os locutores estão preservados por uma cortina de arame. O locutor português, Quadrios Raposo, no seu posto



ASPECTOS DA DERROTA DE GÉNOVA



A troca de cumprimentos e galhardetes entre dois admiráveis capitães e grandes jogadores



Uma blocagem artística de Barrigana Carapellese, não se apoiando em Virgílio, faz um salto magnífico. O árbitro fica assombrado

A SELECÇÃO PORTUGUESA NO VATICANO



Na passada segunda-feira, os dirigentes e jogadores da selecção portuguesa de futebol foram recebidos, logo que chegaram a Roma, por Sua Santidade Pio XII. Publicamos a fotografia da comitiva um pouco antes da entrada na sala do trono, onde o Santo Padre recebeu com afecto os jogadores portugueses, desejando ao nosso país prosperidades e grandeza. Pio XII salientou a fé cristã dos portugueses e a todos lançou a bênção.

À direita: Os jogadores partem na esperança de fazerem boa figura em Génova...

À esquerda: Os jogadores do Belenenses juntamente com o nosso Chefe da Redacção são os primeiros a chegar a Lisboa. A esperança transformou-se em desilusão...

